

COMPARTILHANDO, CRIANDO E EXPANDINDO COM O GRUPO DE ESTUDOS EM BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS (ONG CIRANDAR/RS)

Yasmin Wink Finger¹
Maria da Graça Silva²
Adriana Tomiello Schonardie³
Natália Gastaude de Oliveira⁴
Camila Schoffen Tressino⁵
Maria Fernanda Viegas⁶
Aliriane Ferreira Almeida⁷
Géssica Bueno⁸

Resumo: Este relato de experiência traz o histórico do Grupo de Estudos em Bibliotecas Comunitárias, criado em 2015 pela ONG Cirandar, que tem entre seus objetivos: fortalecer o diálogo entre teoria e prática em ações de leitura com o estudo do campo teórico da Pedagogia e Sociologia Crítica, dos Estudos Culturais em Educação e Educação Popular. Conta como foram os encontros e visitas às bibliotecas da rede. Compartilha a troca de experiências das integrantes com os educadores e suas trajetórias de vida, de luta e de trabalho, refletindo sobre o papel formador e libertador dessas bibliotecas nas comunidades onde estão inseridas.

Palavras-chave: Bibliotecas comunitárias. ONG Cirandar. Projeto Redes de Leitura.

SHARING , CREATING AND EXPANDING WITH STUDY GROUP ON COMMUNITY LIBRARIES (NGO “CIRANDAR” RS/BRAZIL)

Abstract: This report experience brings the history of the Study Group on Community Libraries, created in 2015 by the NGO “Cirandar”, which has between its goals: strengthen the dialogue between the or y and practice in reading’sactions with the study of the theoretical field of Critical Pedagogy and Sociology, Cultural Studies in Education and Popular Education. Tells howwereus meetings and visits at the libraries. The members share experiences with the librarie’seducators about their lives and works reflecting about trainer and liberating role of these libraries in communities where inserted.

Keywords: Communitylibraries. NGO “Cirandar”. “Redes de Leitura” Project.

¹ Acadêmica do curso de Biblioteconomia/UFRGS e estagiária na Biblioteca Pública Municipal Vianna Moog (São Leopoldo/RS) E-mail: yasminwinkfinger@hotmail.com

² Bibliotecária, Analista Judiciária no Tribunal Regional Federal da 4ª Região - TRF4. Email: mgrsilva@gmail.com

³ Formada pela UNIRITTER Licenciatura em Letras – Português e Literaturas, atua na escola E.E.E.M. Prof. Oscar Pereira (Porto Alegre) como professora da modalidade EJA na área das Linguagens: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. E-mail: adriana.tomiello@gmail.com

⁴ Bacharel em Biblioteconomia, especialista em Gestão Cultural, tutora do Curso Técnico EAD em Biblioteconomia do IFRS. E-mail: nataliagastaud@gmail.com

⁵ Bibliotecária da ONG Cirandar e da Rede de Bibliotecas Comunitárias de Porto Alegre, pós-graduanda em Educação e Psicanálise. E-mail: camilaschoffen@gmail.com

⁶ Graduada em Licenciatura em Letras – Português e Literatura pela UFRGS, atua como professora de português, como coordenadora de projetos da Ong Cirandar e como assessora pedagógica do Projeto Redes de Leitura. E-mail: projetoscirandar@gmail.com

⁷ Bibliotecária, bolsista no Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógica em Saúde da UFRGS. E-mail: naneafa@gmail.com

⁸ Acadêmica do curso de Biblioteconomia/UFRGS. E-mail: ge_yasmin@hotmail.com

1 CIRANDA, CIRANDINHA: A ONG CIRANDAR

O Centro de Integração de Redes Sociais e Culturas Locais- Cirandar, criado em 2008, tem como proposta e missão, fortalecer redes de culturas locais visando ao empoderamento comunitário e o desenvolvimento dos sujeitos, através da democratização do acesso à educação e à cultura. O Cirandar é uma organização sem fins lucrativos, certificada como uma ONG(organização não-governamental) que desenvolve ações sociais, educacionais e culturais, em parceria com os poderes públicos e privados, dialogando e repensando alternativas para a educação, a transformação e a inclusão dos sujeitos culturais, comunicativos e criativos.

Os programas e projetos de intervenção são pautados na educação como ferramenta de transformação social que se propõe a apoiar, incentivar e criar redes de ações comunitárias e práticas sustentáveis, fomentando alianças de fortalecimento da cidadania. Sendo assim, o Cirandar se dispõe a criar pontes entre as instituições sociais e as práticas de gestão das políticas públicas.

Apoiar instituições sociais buscando a inclusão de crianças, jovens e adultos por meio do desenvolvimento de ações que promovam a integração social, a formação e a cultura; trabalhar a democratização do acesso ao livro e à leitura; o acesso à cultura e fruição artística, a promoção da música e valorização da cultura popular, fortalecimento institucional de organizações do terceiro setor e a promoção do voluntariado; contribuir para um maior acesso ao livro e à leitura pelas crianças, jovens e adultos de comunidades de periferia em Porto Alegre e demais cidades do Rio Grande do Sul. Tudo isto é e define as ações do Cirandar.

No mesmo ano de 2008, o Cirandar implantou em Porto Alegre o Projeto Redes de Leitura, que visa fortalecer a Rede de Bibliotecas Comunitárias, composta por instituições sociais em comunidades de periferia de Porto Alegre. O projeto está organizado observando quatro pilares que orientam a ação de democratização de acesso ao livro e à leitura: Espaço, Acervo, Mediação de Leitura e Gestão Compartilhada.

Os profissionais que atuam junto a ONG Cirandar (bibliotecárias, educadores sociais, professores, entre outros) desenvolvem atividades de acompanhamento técnico e também realizam a formação de educadores e gestores através de encontros, cursos, seminários, saraus, encontros com escritores e visitas técnicas. A formação mais recente foi a Jornada de Formação de Mediadores de Leitura, que aconteceu em Junho e Setembro. As Jornadas, planejadas para ocorrerem a cada dois meses, tem por objetivo ampliar a formação literária e de mundo dos educadores, aproximando-os ainda mais da cultura popular, da literatura e das artes, que dão subsídios para as atividades diárias de formação de leitores que acontecem nas comunidades. Também é feita a “[...] aplicação, análise e sistematização de instrumentos de monitoramento e avaliação, que servem para ampliar o impacto do projeto e a democratização de acesso ao livro e à leitura.” (ONG CIRANDAR, 2014).

Recentemente o projeto Redes de Leitura se fez presente na Câmara Municipal de Porto Alegre para fazer um apelo público às autoridades municipais para que não deixem cair no esquecimento o incentivo financeiro para manutenção das bibliotecas da rede, que são importantes espaços de democratização do acesso ao livro, à leitura e à cultura.

[...] as bibliotecas comunitárias precisam de R\$ 150 mil por ano para se manterem. Márcia [coordenadora da ONG] revelou que oito das nove bibliotecas são mantidas com recursos privados, do Instituto C&A. Por isso, ressaltou ela, precisamos do apoio dos vereadores para continuarmos com este trabalho que hoje é feito praticamente sem investimento público. "Leitura é um direito humano, amplia a visão de mundo e constrói o pensamento crítico." Marcia revelou que, em cada biblioteca, são emprestados 250 livros por mês. Outros 400 são lidos em consultas e pesquisas. Trinta rodas de história e atividades culturais são realizadas mensalmente nas bibliotecas. No ano, 10 mil pessoas são atendidas em todas elas. As bibliotecas comunitárias

funcionam nos bairros Santa Rosa, Ilhas, Vila Mapa, Santa Maria Goretti, Vila Chocolateão, Cristal, Morro da Cruz, Vila Ipiranga e Vila das Laranjeiras. “Nossas bibliotecas não são espaços cinzas com livros velhos. São espaços vivos, onde a cultura das comunidades é evidenciada.” (grifo nosso)⁹

As bibliotecas que fizeram ou fazem parte do projeto são as seguintes:

Quadro 1 – Bibliotecas que fizeram/fazem parte do projeto

BIBLIOTECA	INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL	PERÍODO
Biblioteca Comunitária Fé e Alegria	Instituição Fé e Alegria – Comunidade Farrapos	2008 até 2009
Biblioteca Comunitária Bororó	Associação Sargento Raimundo Garcia – Comunidade Bororó	2009 até 2012
Biblioteca Comunitária Ilê Ará	Instituto Leonardo Murialdo – Comunidade Morro da Cruz	2009 até 2012
Biblioteca Comunitária do CPIJ	Centro de Promoção da Criança e Juventude Comunidade da Restinga	2009 até 2011
Biblioteca Comunitária Ceprimoteca	Associação de Amigos do Ceprima – Comunidade Santa Maria Gorete	a partir de 2009
Biblioteca Comunitária Nova Chocolateão	Centro de Integração de Redes Sociais e Culturas Locais – Comunidade Nova Chocolateão	a partir de 2010
Biblioteca Comunitária do Cristal	Clube de Mães do Cristal – Comunidade Crista	a partir de 2011
Biblioteca Comunitária Aninha Peixoto	Associação Comunitária da Grande Santa Rosa – Comunidade Santa Rosa	a partir de 2013
Biblioteca Comunitária Jardim Ipiranga	Associação de Moradores do Jardim Ipiranga e Clube Literário Jardim Ipirang	a partir de 2014

Fonte: elaborado pelas autoras com dados da Ong Cirandar (ONG CIRANDAR, 2014).

Desde sua criação, o Cirandar desenvolve projetos de formação de leitores em bibliotecas comunitárias, em diferentes cidades do estado. Essa experiência tem sido muito importante para o desenvolvimento de tecnologias sociais oriundas das comunidades, que aproximam teoria e prática, conjugando-as para a formação de leitores. A partir do desejo de refletir sobre nossa práxis foi criado, em abril de 2015, o Grupo de Estudos em Bibliotecas Comunitárias. Esse projeto tem como objetivos:

- a) fortalecer o diálogo entre teoria e prática em ações de leitura desenvolvidas no Cirandar e nos projetos desenvolvidos pelos integrantes do grupo;
- b) dar ênfase ao estudo de autores do campo teórico da Pedagogia Crítica, da Sociologia Crítica, dos Estudos Culturais em Educação e da Educação Popular, relacionando-os ao fortalecimento das ações de promoção da leitura;
- c) divulgar as tecnologias sociais desenvolvidas no âmbito dos projetos de leitura do Cirandar;
- d) ampliar o interesse de estudo e pesquisas acadêmicas na área de bibliotecas comunitárias e projetos de leitura em territórios periféricos.
- e) contribuir para a formação da equipe do Cirandar, qualificando sua práxis.

⁹ Trecho de matéria jornalística veiculada pela Assessoria de Imprensa da Câmara de Vereadores de Porto Alegre com a fala da coordenadora da Ong Cirandar, Márcia Cavalcante, na plenária realizada na Câmara. Disponível em: http://www2.camarapoa.rs.gov.br/default.php?reg=25024&p_secao=56&di=2015-08-20

O Grupo de Estudos nasce com a proposta de aproximar teoria e prática, através de estudos e ações que compreendam a leitura como um direito humano e a importância da democratização de acesso ao livro e à leitura. Os participantes têm como campo de reflexão as nove bibliotecas comunitárias que integram o Projeto Redes de Leitura - Bibliotecas Comunitárias de Porto Alegre.

Os autores e obras de referência programados para o primeiro semestre foram:

- a) O direito à literatura, de Antonio Candido;
- b) O Direito de Ler e de Escrever, de Sílvia Castrillon;
- c) Os Jovens e a Leitura, de Michele Petit;
- d) Ação Cultural para a Liberdade, de Paulo Freire;
- e) Deixem que leiam, de Geneviève Patte.

Através desse breve histórico é possível ter um panorama das ações da Ong Cirandar, o contexto em que ela desenvolve suas ações e também as origens do Grupo de Estudos sobre bibliotecas comunitárias. Na próxima seção vamos detalhar como se constituiu e de que forma as atividades do Grupo são desenvolvidas, quais as trocas que são proporcionadas e o que estamos construindo a partir dos encontros.

2 VAMOS TODOS CIRANDAR: DISCUSSÕES E REFLEXÕES

Os encontros do grupo de estudo foram programados para que todas as integrantes (nenhum homem se uniu ao grupo, então ficamos em um grupo de mulheres) pudessem sempre participar. Combinados locais, visitas e horários, nos encontramos, sempre que possível, de 15 em 15 dias, intercalando um texto teórico com a visita a uma das bibliotecas da rede. As visitas são organizadas pela bibliotecária Camila Schoffen Tressino e pela coordenadora de projetos da ONG, Maria Fernanda Viegas, que solicitam aos educadores responsáveis pelas bibliotecas que compartilhem suas trajetórias de vida, de luta e de trabalho, refletindo sobre o papel formador e libertador dessas bibliotecas para as comunidades em que estão inseridas.

Além dos estudos e reflexões proporcionados pelos textos de teóricos da área do livro e leitura e das vivências nas bibliotecas comunitárias, uma atuação importante do grupo é o protagonismo das ações e da escrita. Em cada encontro, um ou mais participantes fazem o relato do dia, colocando nele todas as suas percepções sobre os momentos vivenciados no coletivo e a prática de mediação de leitura. Através das narrativas produzidas, que fazem parte deste relato, ficou clara a presença de percepções sobre o ambiente, mas principalmente, sobre a vivacidade das crianças e também suas carências afetivas, possíveis relações entre seus temperamentos e suas vivências familiares. Um tema muito debatido foram as manifestações das crianças nas bibliotecas e que, claramente, se mostram como expressão do interesse e da alegria.

Vemos também que, além das vivências familiares, as crianças podem ser influenciadas por outros espaços que frequentam e, um deles é a própria biblioteca. Aspectos relativos ao espaço, o lugar central na comunidade, a organização e a beleza também marcaram as observações do grupo. Foi importante perceber o quanto o cuidado com o espaço, o acervo e a acolhida dos mediadores é central na afetividade das relações mediadas pela leitura. Oferecer um espaço lúdico e atrativo é um diferencial. Em muitas discussões a questão da cultura e da literatura erudita *versus* a popular foi suscitada pelos textos lidos. A necessidade de valorizar a cultura local, perceber que as suas produções tem tanto valor quanto a literatura, os clássicos, o teatro e as outras manifestações artísticas que vivenciamos em uma sociedade tão rica culturalmente.

A biblioteca também é um lugar para as pessoas reconhecerem a autoria, poderem se colocar como autores, imaginarem e se expressarem. Vemos a luta diária das comunidades por conquistar o seu protagonismo nestes locais, mas, em contrapartida, não deixamos de notar a falta de vontade política e

insensibilidade do poder público no que diz respeito ao investimento. Em momentos de profunda reflexão, vale ressaltar que a leitura é difícil, que muitos não querem ler, mas que o nosso papel como mediadores é, justamente, facilitar o acesso e tornar o livro um objeto de interesse, lutar pela garantido direito à literatura, oferecendo o lugar, acervo e ações culturais que incentivem a apropriação do espaço que lhes pertence.

Fazendo relações com o cotidiano que encontramos nas visitas às bibliotecas, também refletimos sobre a existência das bibliotecas que, se forem apenas uma sala com acervo, não se fazem suficiente. Um local apático não garante o acesso, o direito à leitura e à informação. Se faz necessário que este lugar e também os profissionais que lá trabalham, interajam com a comunidade, tenham enraizamento comunitário e estejam dispostos a dialogar com o público leitor e não leitor, que ofereçam atividades culturais, que deem dinamismo para o espaço e para o acervo. É preciso envolvimento e muito amor, um processo de doação de tempo e de esperança em ver um mundo modificado, que começa ao nosso redor, no que conseguimos modificar.

A reflexão proporcionada pelo texto de Antônio Candido, “O direito à literatura” nos fez perceber e explicar o porquê de um trabalho tão árduo de professoras, professores, bibliotecárias e bibliotecários, ativistas culturais, educadores e educadoras sociais, quem faz trabalho voluntário, pessoas da comunidade e tantos outros personagens, em fazer das bibliotecas comunitárias o lugar em que a comunidade se identifica e acaba por se conhecer melhor, e que é o espaço em que crianças, jovens, adultos e idosos se encontram para algo em comum: interagir, experimentar e cultivar a literatura das diversas formas possíveis.

Suscitadas pelo texto, discutimos se realmente é possível tornar realidade o acesso pleno. E, sim, vemos que é possível com luta, por exemplo, através do Plano Municipal do Livro e Leitura (PMLL) de Porto Alegre, com verba destinada às ações previstas no Plano e ao compartilhamento com outros setores da sociedade. Conversamos também sobre o acesso à leitura pelos jovens e percebemos que é ainda um público que frequenta pouco as bibliotecas e é de difícil acesso aos educadores, em vista disso, salientamos a necessidade de pensar mais ações voltadas para esse público. Concordamos com a reflexão de Michele Petit:

Compreendemos que por meio da leitura, mesmo esporádica, [os jovens] podem estar mais preparados para resistir aos processos de marginalização. Compreendemos que ela os ajuda a se construir, a imaginar outras possibilidades, a sonhar. A encontrar um sentido. A encontrar mobilidade no tabuleiro social. A encontrar a distância que dá sentido ao humor. E a pensar, nesses tempos em que o pensamento se faz raro. (PETIT, 2009, p. 19).

Falamos nos nossos encontros sobre a dificuldade de firmar parcerias, da pouca efetividade que há em trabalhos e ações isoladas e da arrogância das diferentes áreas de estudo que não se unem e não compartilham em prol de um bem comum. Por exemplo, profissionais da Biblioteconomia e da Educação que muitas vezes criam barreiras entre suas atividades. Instigadas pelo texto, falamos dos benefícios da literatura para a compreensão do mundo e de si, para a fuga necessária à saúde mental, ou também o inverso, o quanto isso para determinadas pessoas pode ser mais uma liberdade do que uma fuga, como traz Petit, com o depoimento de jovens na França e cita Matoub, estudante de Letras, 24 anos que desabafa: “[...] não leio para fugir, pois não é possível fugir. Vou fazer uma frase de escritor, eu leio para aprender a minha liberdade.” (PETIT, 2009, p. 189). Temos necessidade da literatura em nossas vidas, porque a literatura “[...] humaniza em sentido profundo porque faz viver” (CÂNDIDO, 2004, p. 176).

A literatura, pelo trabalho com a linguagem, nos toca e ensina muito mais do que um texto que tem a função pura e técnica de ensinar. Ela faz viver, e é justamente isto que Cândido traz para ressaltar seu caráter humanizador que “equaliza” os seus aspectos conflitivos, pois ela é ao mesmo tempo uma ferramenta de ensino, um recurso didático, que “molda”, mas também é conscientizadora e libertadora. Em razão disso, exatamente, não recebe os devidos investimentos por medo de parte dos governantes,

pois ela denuncia as mazelas do mundo, ou se recebe investimentos, é justamente com o interesse necessário para esse ou aquele público, prova disso é a própria noção de “cultura elitizada” que Cândido traz no seu texto.

Para que a literatura chamada erudita deixe de ser privilégio de pequenos grupos, é preciso que a organização da sociedade seja feita de maneira a garantir uma distribuição equitativa dos bens. Em princípio, só numa sociedade igualitária os produtos literários poderão circular sem barreiras, e neste domínio a situação é particularmente dramática em países como o Brasil, onde a maioria da população é analfabeta, ou quase, e vive em condições que não permitem a margem de lazer indispensável à leitura. Por isso, numa sociedade estratificada deste tipo a fruição da literatura se estratifica de maneira abrupta e alienante. Pelo que sabemos, quando há um esforço real de igualitarização há aumento sensível do hábito de leitura, e portanto difusão crescente das obras. [...] Como seria a situação numa sociedade idealmente organizada com base na sonhada igualdade completa, que nunca conhecemos e talvez nunca venhamos a conhecer? (CANDIDO, 2004, p. 187).

A questão da estratificação da fruição da literatura é vivida no nosso cotidiano, nas políticas públicas que mostram um país com níveis de leitura baixos (FAILLA, 2012), e ainda mais grave, que mostra nos seus indicadores mais relevantes que o acesso à leitura ainda é feito, principalmente, pela compra de livros e, somando-se a isso, a presença de livrarias que se sobressai à existência de bibliotecas e o baixo índice de frequência a estas, sejam públicas ou comunitárias. Ou seja, a estratificação ainda permanece e a literatura circula em sua maior parte dentro dos espaços privados. Mas, ainda assim, ela se conserva como forma de expressão, expressão como direito urgente a ser garantido. A biblioteca é, nesse contexto, um espaço de liberdade, de resistência, espaço estimulador da criatividade. As bibliotecas comunitárias vêm para ocupar um espaço e garantir este direito à literatura em busca dessa igualdade sonhada.

3 VOLTA-E-MEIA PELAS BIBLIOTECAS, VISITAS E TROCAS

Através dos relatos escritos sobre as visitas realizadas nas bibliotecas comunitárias da Rede de Leitura, vamos compartilhar um pouco das nossas surpresas e admirações ao participar do Grupo de Estudos e como relacionamos estas visitas com nossas discussões e reflexões dos textos lidos e com nossas próprias experiências e vivências. Onde temos um ponto de intersecção com as realidades encontradas e porque nos encontramos também, juntas, no mesmo Grupo? Os depoimentos ouvidos, as práticas observadas e outros tantos elementos serão compartilhados a seguir.

3.1 Primeira volta: Biblioteca Comunitária Chocolatão

“Começando a tarde, São Pedro foi bem legal com a gente e nos apresentou com um sol maravilhoso pra irmos até a biblioteca. Nossa "caravana" tinha 07 integrantes, Aliriane, Natália, Maria Fernanda (Cirandar), Yasmin, Marriene, Adriana e a Mitieli. No meio do caminho, dessas coincidências felizes, qual não foi a surpresa quando no meio do ônibus lotado quem sobe no ônibus? O Lucas Luz!! Pois foi!! Chegamos juntinho com o autor na biblioteca. A bibliotecária Camila, da Cirandar, e algumas colegas já estavam por lá brincando com a galerinha e conhecendo o lugar.

Lembro da Graça, Jacqueline e da Silvana. Quando chegou a hora marcada outras crianças surgiram para acompanhar a atividade. Nos vídeos que a Natália postou no Face vocês conseguiram ver o agito!!! Da gurizada mais animada tinha o Pablo, de 09 anos, que quis muitos aplausos enquanto ajudava a ler, a Aline (não lembro a idade), que o Lucas achou parecida com a irmã dele, e o Felipe, 05 anos, que parecia uma pulguinha de tão empolgado com as almofadas e os livros. Tinha uns pitocos desde uns 04 aninhos até os maiores, acho que de uns 10/11 anos.

O autor se apresentou, falou sobre o seu livro Elefante-Folha, conversou um pouco com a criançada, apresentou o pessoal do grupo de estudo que estava ali pra conhecer a Biblioteca, a irmã da Maria Fernanda que estava presente e também registrou a presença do Seu Luís que, como o Lucas contou, é um morador das antigas, desde que a vila era aqui no Centro ainda, e ele teve muita importância nas mobilizações pra que as pessoas da Chocolatão tivessem melhores condições de moradia. A Aline se candidatou para ajudante e distribuiu os livros pra todo mundo. Com o livro em mãos, faltava só ler, e a Daniela, moradora da comunidade que já fez atividades na Biblioteca e acompanha o trabalho da Cirandar, puxou a leitura! Cada um leu um trequinho até o meio do livro, pra deixar as crianças na curiosidade de ler mais em casa. Depois da leitura teve espaço para perguntas pro Lucas e ele falou um pouco sobre a inspiração e a origem dos textos para o livro: a sua filha Maria Rosa.

O último momento foi a sessão de autógrafo, cada criança foi de volta pra casa com uma lembrança especial da tarde na Biblioteca. E nós também! O lugar é muito acolhedor, colorido, tudo novinho e atrativo, livros bem conservados que chamam a atenção das crianças. Ainda bem que São Pedro foi generoso pro nosso encontro, pois quase voltamos com chuva! Claro que todo mundo interagiu de formas diferentes, mas o relato é bem geral e, como orientou a Maria Fernanda, pra pensar os pilares do Rede de Leituras, deu pra ver bem os quatro: Espaço, Acervo, Mediação de Leitura e Gestão Compartilhada.”

Nesse primeiro relato, a atividade presencial que o grupo participou foi da aproximação do autor com o seu público e de mediação de leitura. Pensando as relações com o que lemos e discutimos, destacamos aqui sobre a aproximação das crianças com a leitura, havia uma biblioteca cheia para receber o autor, e em como o direito à literatura faz parte dos direitos humanos, um não se dissocia do outro, seja como conquista individual ou patrimônio coletivo.

No texto “O direito à Literatura”, de Antônio Cândido, vale relacionar, entre tantas reflexões, que

Todos sabemos que a nossa época é profundamente bárbara, embora se trate de uma barbárie ligada ao máximo de civilização. Penso que o movimento pelos direitos humanos se entronca aí, pois somos a primeira era da história em que teoricamente é possível entrever uma solução para as grandes desarmonias que geram a injustiça contra a qual lutam os homens de boa vontade à busca, não mais do estado ideal sonhado pelos utopistas racionais que nos antecederam, mas no máximo viável de igualdade e justiça, em correlação a cada momento da história”. (CÂNDIDO, 2004, p. 170).

A Biblioteca Chocolatão tem um histórico muito envolvido com as reflexões de Cândido sobre a civilização e a barbárie e mais importante, sobre justiça social, utopia e luta. A biblioteca nasceu do desejo das famílias, ainda em uma ocupação no centro da cidade de Porto Alegre, onde os moradores viviam em barracos e não tinham condições básicas de higiene, saúde, alimentação¹⁰. O desejo pela ampliação do acesso ao livro e à cultura fortaleceu as lideranças, as crianças, homens e mulheres da comunidade em busca de melhores condições de vida e de oportunidades. Na vila antiga a maioria das famílias vivia com a renda oriunda como catadores de papel e convivia com incêndios frequentes em suas casas.

Nas condições precárias em que viviam as oportunidades de cultura e lazer eram poucas e por uma mobilização de funcionários do IBGE, que estava situado ao lado da Vila, e do desejo de moradoras, a biblioteca surgiu em uma casa de madeira, oportunizada pelo Departamento Municipal de Água e Esgoto. Atualmente funciona na unidade habitacional 261 do novo reassentamento e é gestada de forma

¹⁰ A Vila Chocolatão esteve situada no centro de Porto Alegre, RS durante dezenove anos. Em razão de novas configurações urbanas, em 2011 a vila foi reassentada para a zona norte da cidade.

compartilhada pelo Centro de Integração de Redes Sociais e Culturas Locais - Cirandar, Associação de Moradores e Rede de Sustentabilidade da Vila.

A leitura então, como a vemos dentro do nosso grupo, tem poder social e é um instrumento de cidadania. Assim como apresenta Castrillon (2011, p. 16):

[a leitura] é um direito histórico e cultural e, portanto, político, que deve situar-se no contexto em que ocorre. Historicamente a leitura tem sido um instrumento de poder e de exclusão social: primeiro nas mãos da Igreja, que garantia para si, por meio do controle dos textos sagrados, o controle da palavra divina; em seguida, pelos governos aristocráticos e pelos poderes políticos e, atualmente, por interesses econômicos que dela tentam se beneficiar.

3.2 Segunda volta: Biblioteca Comunitária do Arquipélago

“Nosso encontro começou na parada do ônibus 718-Ilha da Pintada, um sol tímido começava a aparecer, por volta das 14 horas partimos em direção à Biblioteca Comunitária do Arquipélago, situada na Ilha Grande dos Marinheiros. Como comentamos no encontro, a ilha fica bem próxima da região central de Porto Alegre. Chegando lá, Maria Fernanda e Camila guiaram o grupo até a biblioteca e para nossa surpresa a biblioteca estava FECHADA! E para nossa maior surpresa as educadoras da biblioteca e muitas crianças estavam logo a frente em plena atividade. Nos sábados e em outro dia da semana, as crianças recebem a visita da "Profi" Amanda.

O trabalho que a Amanda faz é lindo, fiquei emocionada ao perceber o que estava acontecendo. Várias crianças em pernas de pau, numa habilidade que só vendo elas, andando tranquilamente e bem faceiras. A Amanda carregava um tambor, e entonava cantigas populares, junto com as crianças. Quando avistavam moradores paravam a caravana e faziam adivinhações rimadas sobre animais. Nosso grupo foi alvo dos questionamentos, depois entramos junto na brincadeira. Passeamos pela ilha com eles. Foi um momento muito interessante, pois pudemos conhecer um pouquinho da comunidade e das crianças.

Acho que depois de uma hora fazendo esse passeio, a caravana chegou de volta na biblioteca. Algumas crianças se dispersaram, outras ficaram na biblioteca. Como estavam no espírito de adivinhações, a Maria Fernanda achou um livro com essa característica e aproveitou o momento para continuar no embalo da leitura. Todos entraram na brincadeira. Logo a nossa colega Maria da Graça deu continuidade e leu e brincou com outro livro. Aqui gostaria de comentar dois pontos: neste momento na biblioteca, pós atividade na rua, só ficaram os meninos pra ouvir histórias. E o outro ponto é o carisma da Maria da Graça que encantou todos. Deixamos as crianças entretidas com os livros e fizemos uma roda de conversa. Chego agora em um momento bem importante do encontro: a conversa com a Neusa!

A Neusa é uma figura ímpar dentro da biblioteca, moradora da comunidade, e com energia para fazer atividades em prol da comunidade, ela toma conta da biblioteca. Educadora, com experiência na creche e escola da comunidade, agora faz um trabalho lindo naquele local. A biblioteca foi implementada pelo PMLL, em outubro de 2014, e hoje faz parte do Redes de Leitura. A Neusa comentou sobre algumas atividades que realizam na biblioteca: pinturas de ilustrações em panos de prato, mediação de leitura, atividades na escola e na creche, cinema, entre outras.

Comentou sobre a comunidade, atividades realizadas lá, opções de trabalho, as melhorias já conseguidas através do orçamento participativo e outras iniciativas. Falou um pouco sobre as crianças, carismáticas, carinhosas, participativas, interessadas, os usuários mais assíduos da biblioteca. Os jovens e adultos participam mais retirando livros, e relatou que muitos tem receio de leituras grandes, as mães fazem as atividades de pintura, acrescentou que agora as crianças também querem pintar. Em alguns

momentos a Neusa teve ajuda de um rapazinho muito querido que fez alguns comentários sobre a biblioteca e as atividades que ele mais gostava, quase um ativista da causa leitora.”

A biblioteca do Arquipélago fica localizada na Ilha Grande dos Marinheiros, atendendo a região do Complexo do Arquipélago do Guaíba. São feitas atividades de consulta e empréstimo de livros, saraus, mediações de leitura, rodas de histórias e oficinas com a comunidade. A biblioteca, implementada como a primeira ação do PMLL da cidade, tem uma proposta diferenciada de atendimento, que traz também para o centro a cultura popular e a valorização dos saberes locais. Funciona em um local de referência para a Ilha, junto ao Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), Telecentro e Cooperativa de Mulheres.

O relato traz um retrato positivo sobre o contato das crianças com a leitura, isto, no entanto, não reflete o posicionamento dos teóricos estudados e discutidos, que constata a existência de uma atitude comum por parte das comunidades onde uma biblioteca comunitária é inserida: a falta de pertencimento que sentem alguns moradores. Na teoria, identifica-se o sentimento, por parte de moradores de localidades periféricas, de que o livro e o acesso às informações existentes no local não seriam um direito comum a todos, quando na realidade os moradores deveriam se sentir totalmente pertencentes à biblioteca e ela própria deveria transparecer uma imagem que permita aos indivíduos se reconhecerem naquele local. Pelo menos as crianças presentes neste dia de visita não pareciam ter esse afastamento, porém, é válida a reflexão de como esses processos acontecem nestes espaços.

Castrillón cita o bibliotecário Emir Suaidenna sua afirmação pronunciada em uma conferência em Madrid, “[...] é cada vez mais claro que, em um mundo globalizado, somente as pessoas com acesso à informação e ao conhecimento terão reais oportunidades para melhorar sua qualidade de vida” (SUAIDEN, 2011, p. 2 apud CASTRILLÓN, 2011, p. 37). O comportamento inicial é de acanhamento, curiosidade para então fazer o uso efetivo do local e de suas atividades. As bibliotecas são meios de democratização da informação, desde que nelas sejam feitas importantes transformações para garantir acesso gratuito aos documentos. O projeto Redes de Leitura de Bibliotecas Comunitárias torna o espaço da biblioteca atrativo e lúdico, através de seus eixos de ação que são o acervo, o espaço, a mediação de leitura e a gestão compartilhada, democratizando o acesso a leitura. Segundo Castrillón (2011, p. 16-17),

[...] somente quando a leitura constituir uma necessidade sentida por grandes setores da população, e essa população considerar que a leitura pode ser um instrumento para seu benefício e se for de seu interesse apropriar-se dela, poderemos pensar numa democratização da cultura letrada. No entanto deparamos aqui com um paradoxo: essa situação só poderia ocorrer à medida que os níveis de desenvolvimento melhorem e, ao mesmo tempo, diminuam as desigualdades.

A leitura é vista como uma prática libertadora, pois multiplica as experiências do indivíduo e transforma seu imaginário, contribuindo com novas descobertas, experiências e aprendizado constante.

O gosto pela leitura não pode surgir da simples proximidade material com os livros. Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca, podem se tornar letra morta se ninguém lhes der vida. Se a pessoa se sente pouco à vontade em aventurar-se na cultura letrada devido à sua origem social, ao seu distanciamento dos lugares do saber, a dimensão do encontro com um mediador, das trocas, das palavras “verdadeiras”, é essencial. (PETIT, 2009, p. 154).

Faz-se importante a figura de um mediador de leitura para ser uma ponte entre leitor e leitura, alguém que seja responsável por apresentar a leitura, suas diversas formas, seus benefícios e aproximar leitores potenciais do mundo das letras, fazendo com que estes construam suas próprias experiências e um rico imaginário. As regiões periféricas de uma cidade geralmente são marcadas por um conjunto de situações que caracterizam a exclusão social: falta de empregos, moradias precárias ou a falta delas, educação deficitária, falta de serviços básicos, como saúde, saneamento básico, luz. Ou seja, nas

discussões sobre exclusão social pouco se comenta da exclusão cultural, e a questão do acesso é a mais preocupante neste caso.

A leitura é uma maneira de vislumbrar uma saída para a desigualdade social presente nessas regiões de periferia. O reconhecimento é importante para o processo de democratização da leitura nos bairros periféricos, reconhecer que nestes bairros há uma grande quantidade de leitores, e fortalecer a leitura como instrumento de cidadania.

A formação de espaços para leitura nestes bairros deve andar junto com os espaços onde a própria sociedade civil de organiza, assim:

Os projetos de leitura precisam dar a mão a esses processos de organização, acompanhá-los, demonstrar que a leitura não é um adorno nem um passatempo e que seu valor não está em oferecer apenas alguns momentos prazerosos, mas sim que a leitura é um instrumento extremamente útil na transformação e organização de suas vidas. (CASTRILLON, 2011, p. 64).

Pensar em formas e maneiras de democratizar a cultura, levá-la à periferia, fazer com que esta periferia se aproprie da cultura e crie sua própria manifestação cultural é uma maneira de empoderar essas comunidades. Reconhecer a produção das comunidades reflete no resgate de valores culturais e descobrimento de suas potencialidades. “Porém também é necessário saber que a comunidade não se organiza de maneira espontânea, nem em instâncias superiores, nem ao redor de temas sobre os quais não esteja totalmente convencida ou que não constituam uma necessidade para ela”. (CASTRILLON, 2011, p. 94). Para Castrillon (2011) o problema da falta de leitura deve ser levado à ação política, mas para isso a sociedade civil deve se organizar e pedir a palavra.

3.3 Terceira volta: Biblioteca Aninha Peixoto

“O sol deu às caras e com ele uma tarde emocionante e cheia de histórias. Quem foi de ônibus certamente nunca tinha ouvido falar em “Nova Gleba”, mas na volta estava cheio de histórias para contar, parece que o dia se completou com as falas, e nos aqueceram, transformando o sábado em um dia de prazer e crescimento para todos.

Lá na Santa Rosa, no bairro Rubem Berta, com 100 mil habitantes, há uma biblioteca comunitária com força social, voz, atitude, pessoas inspiradoras e cheias de vontade de fazer da sua comunidade um lugar melhor a cada dia. Lá nós encontramos personagens que formam uma história de batalha, luta, vitórias e muitas conquistas, não só para eles, mas para a toda comunidade, essa biblioteca se chama Biblioteca Comunitária Aninha Peixoto. Ao entrar na biblioteca você logo dá de cara com diversos computadores, eles fazem parte do Tele Centro que funciona há 15 anos no bairro. Foi a partir desse espaço que se iniciou a biblioteca e todo esse lindo trabalho que acontece lá. O colorido das paredes, as estantes brancas e os livros coloridos, como em todas as bibliotecas da Rede de Leitura, são um prazer aos olhos das meninas do grupo de estudo, cada livro na mesa, cada lápis, cada papel fora do lugar transforma o lugar em um espaço muito aconchegante.

A roda foi feita, a história já vai começar, mas espera, a Adrienne e Hayline estão chegando. Seu Arilton, senhor acanhado, iniciou seu relato nos contando um pouco sobre a comunidade. Morador há 40 anos, Arilton é taxista e desde sempre teve uma atividade social muito representativa na Santa Rosa, faz parte da Associação de Moradores, e ele e sua esposa, a Andréia, são delegados no Orçamento Participativo, levando as necessidades da comunidade para a prefeitura. Mas por aqui é diferente, é tudo em família, Adrienne, a filha do seu Arilton, é a educadora da Biblioteca Comunitária Aninha Peixoto. Ela iniciou no local como monitora do tele centro. Seu pai um dia decidiu reunir alguns livros no local e montar uma biblioteca, porém a maioria dos exemplares eram enciclopédias e dicionários, o que não era muito atrativo para a comunidade. Sendo assim, certo dia, o Cirandar iniciou a parceria com eles,

reformando o lugar, trazendo mais livros e todo o trabalho de mediação que eles fazem com os profissionais que atuam na biblioteca.

No meio dessa família tem a Hayline, afilhada do seu Arilton e prima da Adrienne, que com apenas 18 anos, é coordenadora de projetos da biblioteca. Esses 4 personagens são fundamentais para a biblioteca, eles nos emocionaram diversas vezes durante o encontro, contando suas histórias, como a dificuldade do seu Arilton de descartar os livros da biblioteca, e de Adrienne e sua emoção de fazer uma contação de histórias para as crianças de uma escolinha perto da biblioteca. Seus olhos se encheram de lágrimas e pude olhar de cantinho pro seu Arilton e ver que os dele também, mas certamente que pai não ficaria orgulhoso de sua filha né?

Foi discutido muito a força de vontade dos profissionais, que muitas vezes não são valorizados, que não devem perder isso. O fato da mídia interferir na sociedade e trabalhos em comunidades não serem exibidos, fazendo com que a comunidade acabe com uma imagem sempre de “não fazer nada” “não ter cultura” “só ladrão”, o que de fato, realmente não acontece. O papel da biblioteca comunitária e também de outros serviços comunitários que transformam a vida dos moradores, como as creches, que tiram crianças da rua.

Concluo que o encontro nos trouxe uma experiência maravilhosa, mostrando como a força popular pode mudar uma comunidade. Não é necessário ter uma formação acadêmica, ter dinheiro no bolso ou doutorado na mão, o importante é ter força de vontade, e foi isso que vimos nessa biblioteca comunitária. Amor pelas crianças e pelo ato de mediar um livro, transformando a criança, o jovem e o adulto em um leitor, e assim transformar a comunidade em que vivem.”

Atuando há trinta e nove anos, a Associação dos Moradores da Grande Santa Rosaé a entidade gestora da Biblioteca Comunitária Aninha Peixoto, localizada no bairro Rubem Berta na zona norte de Porto Alegre, A comunidade dispõe de um espaço, conjugado ao tele centro, destinado a um acervo literário composto por uma diversidade étnica e etária de mais de mil exemplares.

A biblioteca comunitária Aninha Peixoto a qual iniciou suas ações a partir de uma liderança da comunidade que desejava a democratização do livro e leitura para os moradores da região, no entanto, a concretude do projeto foi póstuma a idealizadora, em vista disso o nome da biblioteca foi dado em sua homenagem. Foi reinaugurada no mês de abril de 2014, com suas instalações renovadas e torna-se gradativamente conhecida e divulgada pelos membros do bairro. A aceitação da comunidade para com o espaço cultural é visível, a partir da procura dos leitores e pelos índices mensais que a biblioteca apresenta. Nos primeiros meses a consulta local de livros era em torno de cinquenta exemplares, atualmente chega-se a mais de duzentos, assim como os empréstimos que a cada mês estão em gradativo crescimento, sendo atualmente em torno de 120 exemplares mensalmente. (ASSOCIAÇÃO DE MORADORES, 2014).

O local onde as bibliotecas comunitárias estão situadas torna o trabalho muito mais eficiente no quesito social. A necessidade de valorizar a cultura local, perceber que as suas produções têm tanto valor quanto a literatura, os clássicos, o teatro etc., tudo isto deixa clara a importância de um ambiente acolhedor dentro de uma comunidade, que por problemas econômicos e sociais de uma sociedade inteira, muitas vezes perderam a fé e a credibilidade em si mesma.

No texto de Silvia Castrillón (2003), encontramos diversos momentos se refletem nas discussões do Grupo de Estudos e do Redes de Leitura. Segundo ela, “o maior desafio da sociedade atual é a desigualdade” e comenta sobre o “caráter coletivo da construção do direito de ler e escrever”, ou seja, a sociedade como um todo deveria se unir para acabar com as desigualdades existentes, fomentar juntos a leitura e a escrita, mas será que isso acontece? Esta sociedade que luta está limitada a pequenas ONGS e pessoas engajadas, que veem na luta social uma forma de construir o direito de ler e escrever e tornar a

sociedade mais igualitária, responsável com os outros, com o planeta e com esperança, pois é “a leitura que permite o exercício pleno da democracia.” (CASTRILLÓN, 2003, p 19).

Sendo assim, para que a democracia seja exercida de forma plena e constante, precisa-se de espaços em que ocorra a legitimação da cultura da comunidade, onde as pessoas possam construir sua identidade e informar-se sobre o mundo e sobre si mesmas. A autora, Silvia Castrillon, fala que é necessário “Dispor de espaços que lhe permitam expressar-se”, espaços esses que ela e nós chamamos de bibliotecas.

Literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura [...] ela é fator indispensável de humanização e, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. (CANDIDO, 1970).

Antônio Candido é muito feliz nesta sua frase inspiradora, e que para nós, reforça o papel das bibliotecas comunitárias.

4 O QUE RODAMOS E AS CIRANDAS A SEGUIR

Sabe-se que a falta de oportunidades e de investimento em educação é uma das principais causas de violência, este grupo vê nas comunidades periféricas crianças e jovens potenciais e com vontade de crescimento pessoal e intelectual, à espera de oportunidades. As ações propostas nas bibliotecas da rede assumem uma função cultural e social, incentivando o gosto pela leitura e dando oportunidade de crescimento através da leitura e do conhecimento. Além disto, propõe uma integração social da comunidade, a fim de desenvolver oportunidade de trocas entre os moradores.

No que se refere ao direito de acesso ao livro, à leitura e a escrita devem ser compromisso de todas as áreas. Afinal, o acesso efetivo da leitura e da escrita não são tarefas apenas de locais como a escola e a biblioteca. Vale ressaltar a importância desses espaços de mediação como reflete a bibliotecária colombiana Silvia Castrillón no que tange ao direito de ler e escrever, associado ao caráter político e ético dos profissionais da educação, bem como dos bibliotecários. “Em primeiro lugar é para a educação que se deve dirigir a maior parte dos esforços e, em segundo, são as bibliotecas os meios para democratização do acesso, desde que nelas se produzam também, importantes transformações.” (CASTRILLÓN, 2011, p. 22). Então, vemos que são espaços que se complementam.

Portanto, as bibliotecas comunitárias do Cirandar privilegiam o direito à literatura, à diversidade, informação, educação e cultura. Promovendo nos espaços de cultura popular variadas ações para que todos os sujeitos - crianças, jovens e adultos - tenham acesso à democratização do livro e da leitura. E a importância da biblioteca e do profissional ali presente se dá pelo fato de que é neste lugar que todas as artes, culturas, religiões, formas políticas, opiniões, ideias e filosofias estão inseridas. Fazer com que todas as formas de leitura (pensando aqui o conceito de leitura para além da linguagem escrita, perpassando por todos os sentidos humanos) sejam alcançadas pela comunidade, inseridas em seu cotidiano, sejam pensadas de forma crítica, social e comunitária é uma tarefa do profissional, do educador social ali presente.

É como Castrillon (2011, p. 37) ressalta “Muitas vidas seriam salvas e muitos seres humanos viveriam de maneira mais digna se o acesso à informação fosse realmente universal.”, será que esses seres humanos das comunidades acolhidas pelas bibliotecas comunitárias salvam vidas? Isso é algo que se pode ver no dia-a-dia das bibliotecas, no olhar das crianças, nos cursos e oficinas oferecidos regularmente, na voz da comunidade. Sim, as bibliotecas comunitárias têm um papel fundamental nessas comunidades, papel político e social e muitas vezes salvam vidas da ignorância e da miséria.

Os encontros com as discussões teóricas não precisam ser relatados “metodicamente” pois eles estão de pano de fundo de todo este trabalho. As relações sobre o que a teoria apresenta e a importância da democratização de acesso à leitura, a transformação de espaços, acontecem constantemente nas

discussões e nas reflexões feitas pelo grupo em todos os encontros. Ainda temos encontros a acontecerem este ano e o entrosamento do grupo só abre possibilidades de uma continuidade fortalecida do trabalho. As experiências de cada uma vão se transformando em trocas constantes. Já tivemos também encontro para compartilharmos a nossa trajetória pessoal e de que forma nos encontramos todas neste grupo, o que nos une ali e quais nossos anseios. As visitas nas bibliotecas despertam novas vontades de mobilização e luta.

Participar do grupo de estudos e pesquisas em bibliotecas comunitárias da ONG Cirandar é uma experiência ímpar que transcende o olhar monológico sobre a biblioteca. Um espaço de reflexões, discussões e trocas de experiências, práticas, textos e contextos que envolvem o todo e a comunidade local. O lugar biblioteca, como suporte básico da informação, educação e cultura, vai além do acervo e do espaço físico, propiciando o incentivo à leitura. O perfil envolvente desses ambientes, com a presença de profissionais como bibliotecárias, técnicos, educadores sociais e mediadores de leitura, sensibilizam e qualificam o acesso ao livro e a leitura.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DA GRANDE SANTA ROSA. **Histórico**. Porto Alegre: Redes de Leitura/Associação de Moradores da Grande Santa Rosa, 2014.

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro : Ouro Sobre Azul, 2004.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e escrever**. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

FAILLA, Zoala (org.). **Retratos da Leitura no Brasil 3**. São Paulo: Instituto Pró-livro/Imprensa Oficial do Estado, 2012.

ONG CIRANDAR. **Projeto submetido ao Prêmio Viva Leitura**. Porto Alegre, 2014. disponível em: <http://www.premiovivaleitura.org.br/projetos_uploads/28112014113343.pdf>. Acesso em: 09 set. 2015.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2009.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a quem nos recebeu de coração aberto nas bibliotecas: Neusa Dias (Biblioteca Comunitária do Arquipélago); Arilton Cardoso, Andréia Cardoso, Hayline Vitória e Adrienne Cardoso (Biblioteca Comunitária Aninha Peixoto).

Às mulheres que acompanharam parte do percurso do Grupo e deixaram sua contribuição para muitas das reflexões que trazemos agora neste relato de experiência: Cândida Johann, Jacqueline Mative, Berenice Muller, Silvana Santos da Silva, Marrieni Duarte, Mitieli Brogni.

À Márcia Cavalcante, coordenadora da ONG Cirandar, pelo apoio e papel fundamental na realização do Grupo de Estudos.